

TÓPICOS, SUJEITOS, PRONOMES E CONCORDÂNCIA NO PORTUGUÊS BRASILEIRO *

CHARLOTTE GALVES
(UNICAMP)

RÉSUMÉ: Cet article décrit et analyse dans le cadre théorique du Programme Minimaliste deux constructions de topicalisation en Portugais Brésilien (PB). L'une est superficiellement identique aux constructions de "hanging topic" de l'Italien et du Portugais Européen mais s'en distingue par le fait de pouvoir être enchassée. Dans l'autre, le topique a des propriétés de sujet malgré l'absence de morphologie indiquant une modification dans la projection syntaxique des arguments, ce qui rapproche le PB des "langues orientées vers le topique". On argumente que ces particularités syntaxiques du PB sont dûs à la paramétrisation de la catégorie Personne, proposée pour remplacer la catégorie AGR. Cette catégorie ne contient en PB ni trait-V, ni trait-AGR. Ses traits-phi ne peuvent donc être vérifiés que par le mouvement invisible de traits-phi pronominaux (première construction), ou verbaux (deuxième construction).

I. APRESENTAÇÃO DO PROBLEMA

O Português Brasileiro (doravante PB) distingue-se das outras línguas românicas por apresentar construções nas quais um verbo transitivo vem acompanhado somente do seu argumento interno, em posição pré-verbal, sem que nenhuma marca flexional indique modificação na projeção da estrutura argumental do verbo. Frases desse tipo estão exemplificadas em (1) :

(1) A balança está consertando.

Ao mesmo tempo, observam-se construções pseudo-transitivas em que um verbo ergativo vem precedido de um NP que não é interpretado como agente ou causa do processo expresso pelo verbo mas como locativo ou todo do qual o NP pós-verbal é uma parte, como ilustrado em (2) e (3).

(2) Esta casa bate sol.

* Este texto é a versão revisada da comunicação apresentada no Encontro de Gramática Gerativa no IEL/UNICAMP em agosto de 1997. Agradeço os participantes do Encontro pelos seus comentários.

A pesquisa que originou este artigo foi parcialmente financiada pelo CNPq, processo 301086/85.

(3) O relógio quebrou o ponteiro.

Baseando-se na tipologia de Li e Thompson, Pontes (1981) afirma que a existência desse tipo de construções caracteriza o PB como uma língua “orientada para o tópico”. Essa orientação para o tópico aparece claramente também em frases constituídas somente de um verbo, com o tópico claramente presente no contexto. Vejam-se dois exemplos retirados de textos autênticos, o primeiro uma publicidade, o segundo uma tira do Calvin:

(4) Carpete de madeira:

- não empena.

- não encera.

(5) Calvin: Onde está a minha cueca de dinossauros?

Mãe: está lavando!

Em (4), os dois verbos referem paralelamente ao tópico apesar deste corresponder ao argumento externo do primeiro e ao argumento interno do segundo. Em (5), apesar do NP “cueca” corresponder ao argumento interno de “lavar”, o verbo continua na voz ativa embora não seja expresso nenhum agente, dando a impressão de que esse NP recebe a função de sujeito na frase. De fato, podemos a partir desses exemplos construir mais duas frases do tipo de (1) e (2):

(6) Carpete de madeira não encera.

(7) A cueca de dinossauros do Calvin está lavando.

Nas outras línguas românicas, inclusive o Português Europeu (doravante PE), essas frases requerem uma marca flexional no verbo legitimando a ausência de projeção do argumento externo do verbo, e o conseqüente alçamento do argumento interno. No PE, por exemplo, encontraríamos respectivamente a voz média, expressa pelo clítico *se*, e a voz passiva, como ilustrado a seguir:

(8) Carpete de madeira não se encera.

(9) A cueca de dinossauros do Calvin está a ser lavada.

No PE, também, frases como (2) e (3), são impossíveis¹. Nesse caso, a topicalização dos NPs pré-verbais requereriam uma estrutura marcadamente topicalizada, em que fosse possível recuperar a sua função na oração.

Resumindo, nas línguas orientadas para o sujeito, se a expressão nominal mais proeminente da sentença não é o argumento externo do verbo, aparecem marcas dessa não correspondência entre a estrutura sintática e a estrutura argumental seja no verbo (voz passiva, voz média), seja pela presença de marcas claras de topicalização, em particular a presença de pronomes lembretes. Nas línguas orientadas para o tópico, isso não é necessário.

O objetivo deste artigo é propor uma explicação desse fenômeno, pelo menos no que diz respeito ao PB, na versão minimalista do quadro da Teoria de Princípios e Parâmetros, procurando caracterizar as propriedades das categorias funcionais do PB que legitimam

¹ Cf. Duarte (1987) que afirma que (3) só pode receber a interpretação na qual o relógio quebrou intencionalmente os seus ponteiros!

estruturas subjacentes a frases como (1)-(7). Deve ficar claro aqui que “Língua orientada para o tópico” é uma caracterização fenomenológica que não pode ser considerada como um parâmetro da gramática². Ela pode ser o produto da articulação de diversas parametrizações diferentes. Não se trata portanto aqui de propor uma caracterização geral desse tipo de línguas, mas da maneira como se realiza no PB.

Na seção seguinte, apresentarei evidências de que os NPs pré-verbais das frases (1)-(7) desempenham uma função de sujeito na frase, por oposição aos NPs pré-verbais aparecendo em frases marcadamente topicalizadas pela presença de um pronome lembrete.

Na 3ª seção discutirei o estatuto de AGR na gramática, em correlação com a proposta recente de Chomsky de excluí-la do rol das categorias funcionais. Proporei que se trata de um traço parametricamente associado às categorias funcionais. Proporei também que, apesar de não ser AGR, existe uma categoria funcional entre COMP e Tempo, Pessoa.

A última seção enfim proporá uma análise dos dois tipos de frases no PB.

II. TÓPICOS SUJEITOS E TÓPICOS NÃO SUJEITOS EM PB

A evidência mais clara de que os NPs pré-verbais dos exemplos (1)-(7) podem ser assimilados a sujeitos é que podem concordar com o verbo, como exemplificado em (10) e (11):

(10) As cuecas do Calvin estão sempre lavando.

(11) As balanças estão todas consertando.

Além disso é possível distinguir os tópicos sujeitos daqueles que aparecem em construções envolvendo pronomes lembretes. Observe-se as diferentes realizações da mesma estrutura argumental em (12).

(12) a. Bate muito sol *(n)esta casa.

b. Nesta casa, bate muito sol.

c. Esta casa bate muito sol.

d. Esta casa, bate muito sol nela.

A frase a. corresponde à projeção imediata da estrutura argumental. Observe-se que nesta estrutura, a preposição marcando o locativo não pode ser omitida. As outras frases constituem vários recursos de topicalização permitidos pela gramática do PB. A diferença crucial entre b., por um lado, e c. e d. por outro lado, é que nestas o PP não é mais projetado. São essas duas opções, nas quais o que aparece anteposto ao verbo é um NP, que serão contrastadas agora. A diferença mais notável entre elas é que existe pronome lembrete numa e não na outra. Além disso, na representação gráfica de d., costuma-se inserir uma vírgula que corresponde eventualmente a uma realização prosódica diferente,

² Na primeira fase da teoria de Princípios e Parâmetros, era comum formular os parâmetros dessa maneira. O caso mais famoso é o do parâmetro do sujeito nulo.

envolvendo duas curvas entoacionais e eventualmente uma pausa. Mas esse aspecto interessantíssimo da questão carece de maiores estudos e não será levado em conta aqui³.

O ponto importante aqui é que existe uma distribuição complementar entre a presença do pronome e a concordância entre o NP anteposto e o verbo:

- (13) a. Estas casas batem muito sol.
- b. *Estas casas batem muito sol nelas.

(13) mostra que ou bem o NP anteposto é retomado por um pronome, ou bem ele concorda com o verbo. Isso aponta para o fato de que o pronome lembrete e a concordância são dois recursos mutuamente exclusivos de legitimação da anteposição do NP.

Uma outra diferença importante entre as duas construções diz respeito à possibilidade de concordância entre o verbo e o NP pós-posto:

- (14) a. Este carro, cabem muitas pessoas nele.
- b. ?? Este carro cabem muitas pessoas.

Em (14), encontramos a situação inversa da de (13), uma vez que a concordância com o NP pós-posto exige a presença do pronome⁴. A inaceitabilidade da frase (14)b. pode ser atribuída ao fato de que não se encontra na estrutura que lhe é subjacente nenhuma forma de legitimação do NP anteposto, nem retomada pronominal, nem concordância.

Baseada nesses fenômenos de concordância, admitirei portanto que, nas construções sem retomada pronominal, o NP anteposto é legitimado como sujeito da oração. Uma descrição formal dessa legitimação será dada na última seção. Mas desde já, referir-me-ei a essa construção como de “tópico sujeito”.

A construção de “tópico sujeito” se distingue da construção com retomada pronominal por dois outros aspectos que dizem respeito às propriedades lexico-semânticas dos verbos e dos argumentos envolvidos. Em relação a esse aspecto, constatamos restrições sobre a construção de tópico sujeito que não se verificam na outra:

- 1. Não pode haver projeção do argumento externo do verbo:

- (15) a. Essa estante, o João põe muita coisa nela.
- b. ?? Essa estante o João põe muita coisa.

- 2. Nas estruturas em que o NP anteposto é interpretado como tendo uma relação genitiva como em (3) acima, deve existir uma relação semântica parte/todo entre

³ Deve-se reconhecer porém que a estrutura entoacional associadas a essas frases entra por muito nos julgamentos de aceitabilidade envolvendo fenômenos de concordância com o NP pós-posto ao verbo, cf. o comentário sobre (14)b. na nota seguinte.

⁴ De novo a entoação, desempenha certamente um papel na aceitabilidade de frases como 14b, uma vez que ela pode apontar para uma representação estrutural contendo um objeto nulo. Sobre a ambigüidade estrutural das sentenças, ver a seção III.

os dois NPs para que a construção de tópico sujeito seja lícita. Observe o contraste entre os pares (16) e (17) por um lado e (18) e (19) por outro lado⁵:

- (16) a. Quebrou o pé da mesa.
b. A mesa, quebrou o pé dela.
c. A mesa quebrou o pé.
- (17) a. O pote dessa mesa quebrou.
b. ? Essa mesa, quebrou o pote dela.
c. * Essa mesa quebrou o pote.
- (18) a. Furou o pneu do meu carro.
b. Meu carro, furou o pneu dele.
c. Meu carro furou o pneu.
- (19) a. O carro do João pifou.
b. O João, pifou o carro dele.
c.* O João pifou o carro.

Resumindo, as propriedades das estruturas de tópico sujeito são as seguintes:

- Não há pronome lembrete retomando o NP anteposto.
- Não há concordância entre o verbo e o NP pós-verbal.
- O argumento externo do verbo está ausente.
- Quando o NP anteposto e o NP pós-posto estão numa relação genitiva, deve haver uma interpretação semântica parte/todo entre eles.

Antes de propor uma caracterização formal que explique esse conjunto de propriedades, é preciso uma ressalva. Toda a argumentação anterior é baseada no contraste entre as construções de tópico sujeito e as construções com retomada pronominal. Porém, como já foi observado em nota, a existência de pronomes nulos sujeito e objeto no PB torna às vezes as frases ambíguas em relação às estruturas que lhes são subjacentes. Tomemos por exemplo o caso da frase (7), repetida aqui como (20):

(20) A cueca de dinossauros do Calvin está lavando.

Podemos fazer corresponder duas construções a essa frase. Numa o NP é sujeito, e a concordância com o verbo é visível no plural. Mas existe uma outra interpretação em que o NP é tópico e o verbo projeta o seu argumento externo sob forma de pronome nulo com interpretação arbitrária. Traduzindo em outras construções, pode-se dizer que uma interpretação é equivalente à de uma construção passiva, e a outra à de uma construção topicalizada com sujeito indeterminado, como ilustrado respectivamente em (20') e (21):

(20') A cueca de dinossauros do Calvin está sendo lavada.

(21) A cueca de dinossauros do Calvin, está-se lavando.

⁵ Parece-me que (19)c é aceitável, mas, crucialmente, com a interpretação em que João é a causa da quebra do carro. Ora vimos que as construções de tópico sujeito não envolvem essa interpretação.

O resto deste artigo procurará propor elementos para uma caracterização dessas duas construções no PB. Até agora, considerou-se que só a construção de tópico sujeito era característica do PB, ligada às suas propriedades de língua de tópico. Mas a ambigüidade de (20) faz aparecer uma outra característica marcante do PB, a interpretação arbitrária do sujeito nulo de frases com tempo. Veremos na próxima seção que as construções de pronome lembrete em PB também se diferenciam das construções análogas em outras línguas românicas. Tudo isso nos levará, na última seção a justificar uma análise da estrutura da oração no PB.

III. AS CATEGORIAS FUNCIONAIS E A ESTRUTURA DA ORAÇÃO NO PROGRAMA MINIMALISTA

Nesta seção, farei uma breve apresentação e discussão do modelo proposto no Capítulo 4 de Chomsky (1995). Em seguida, proporei uma caracterização dos pronomes que estão envolvidos nas construções com pronomes lembretes.

No Programa Minimalista, Chomsky explica a diferença entre as línguas pela teoria da verificação de traços formais⁶. Existem dois tipos de traços formais: aqueles que são interpretáveis pelos sistemas de desempenho que interpretam as representações geradas pelo sistema de computação, e aqueles que não são. Estes têm que ser apagados durante a computação, senão a representação resultante será mal-formada, uma vez que ela conterà objetos não-interpretáveis pelos sistemas de desempenho. Para um traço ser apagado, ele tem que ser verificado (“checado”). A verificação é feita por um traço correspondente em configuração de Especificador/Núcleo, ou em adjunção. Esse traço deve portanto se mover para entrar na configuração adequada. Se se mover na sintaxe visível, ou seja antes do ponto da derivação em que se aplica “Spell-Out”, a leitura pelo componente fonológico da estrutura já formada, ele arrasta com ele o ítem lexical a que está associado. Depois de Spell-Out, só os traços se movem. Os traços são associados tanto às categorias funcionais quanto aos ítems lexicais. Por exemplo o traço de Caso Nominativo é associado por um lado a Tempo e por outro lado aos NPs nominativos. O traço V é traço intrínseco dos verbos e está parametricamente associado também a certas categorias funcionais. Isso explica no modelo o fato de que os verbos não ocupam a mesma posição nas línguas. É devido à diferença na atribuição do traço V às categorias funcionais. Outros traços são os chamados “traços-phi”: número, gênero, pessoa, que estão associados a nomes e verbos. Chomsky afirma que os traços-phi dos nomes são interpretáveis, e os traços-phi dos verbos não o são. Dado o quadro geral da teoria delineado acima, isso significa que os traços-phi dos verbos têm que ser checados, mas não os dos nomes. Enfim, os traços associados a categorias funcionais nunca são interpretáveis, forçando portanto sempre o movimento de categorias ou traços para checá-los.

Nos últimos anos tem havido um importante debate na teoria a respeito das categorias funcionais. No Capítulo 4, Chomsky propõe excluir do conjunto dessas uma categoria que foi fundamental nos estudos comparativos dos últimos anos, AGR (Concordância). O argumento é essencialmente que AGR, contrariamente a Tempo, ou COMP, não tem traços interpretáveis:

⁶ Existem também traços semânticos, relevantes somente para a Forma Lógica e traços fonológicos, relevantes somente para a Forma Fonológica.

“T, C and D ... have Interpretable features, providing instructions at either of both interface levels. AGR does not, it consists of [-Interpretable] formal features only. We therefore have fairly direct evidence from interface relations about T, C, and D, but not AGR. Unlike the other functional categories, AGR is present only for theory-internal reasons.” (p.349)... “AGR is nothing more than an indication of a position that must be occupied at once by overt operations” (p. 351)

Chomsky conclui assim que Tempo é a categoria funcional mais alta da sentença abaixo de COMP.

Note-se que não é uma conclusão necessária. Também o fato de AGR não ser uma categoria funcional não implica que não tenha papel nenhum na computação. A sua supressão pura e simples nesse nível deixa sem explicação inúmeros fenômenos, em grandes quantidades de línguas, que têm sido atribuídos ao efeito das propriedades de AGR. A discussão de Chomsky é muito saudável por trazer uma distinção necessária entre traços e categorias, que nunca ficou muito explícita na teoria. Porém, ele não explora alternativas criadas pela exclusão de AGR do conjunto das categorias funcionais, que permitiriam não fazer tábula rasa de tantas análises:

1. Considerar que AGR desempenha sim um papel na computação, sob forma de traço formal parametricamente associado a categorias funcionais.

Já Rizzi (1990), afirmava que AGR, além de poder projetar como uma categoria, podia ser um traço associado a uma outra categoria. O caráter não interpretável de AGR decorreria assim da sua natureza de traço formal associado a categorias funcionais, já que, como mencionado acima, estes são sempre não-interpretáveis. Como afirma Chomsky na citação acima, o papel de AGR na gramática é somente definir onde são projetados especificadores. Em outras palavras, AGR é o traço que força, e legitima, as configurações Especificador/Núcleo⁷.

2. Considerar que existe uma outra categoria funcional entre COMP e Tempo.

Um bom candidato para essa categoria é Pessoa. Pessoa preenche os requisitos impostos por Chomsky sobre as categorias funcionais uma vez que, dada a sua interpretação dêitica comparável com a de Tempo, contém certamente traços interpretáveis em Forma Lógica. Note-se também que em muitas línguas, Pessoa desempenha um papel importante em sintaxe. Por exemplo, em várias línguas ergativas, existe uma partição entre marcação nominativa-acusativa e ergativa-absolutiva, em função da marca de pessoa no verbo (cf. Nash 1997).

Adotarei essas duas hipóteses, acrescentando à segunda a natural assunção de que os traços formais associados a Pessoa são traços-phi. Esses, por serem não-interpretáveis, forçam o movimento de outros traços-phi para checá-los. Essa checagem pode ser realizada seja pelos traços-phi de algum sintagma no Especificador de Pessoa, seja por traços-phi se movendo para o núcleo Pessoa. A primeira opção, no quadro proposto aqui,

⁷ O traço AGR substitui portanto o traço -D de Chomsky (1995). Cf. Galves (a sair) para argumentos a favor dessa substituição.

depende da presença do traço AGR em Pessoa. Quanto à segunda, ela pode ser instanciada pelo movimento visível do verbo arrastando seus traços, ou pelo movimento invisível de traços se movendo autonomamente.

Esta análise depende por outro lado de uma teoria dos pronomes⁸. Duas propostas aparecem atualmente na literatura a respeito da sua natureza categorial. Uns, baseados na semelhança entre artigos e clíticos nas línguas românicas, argumentam que se trata de Determinantes (cf., entre outros, Corver e Delfitto 1995, Uriagereka 1993). Outros defendem a idéia de que são simplesmente traços-phi. Everett (1996), por exemplo, afirma: “pronominal clitics, argument affixes and pronouns are epiphenomena, produced by the insertion of PHI-FEATURES into different syntactic position.” Essa idéia, baseada na identidade entre pronomes, clíticos e elementos de concordância, é também defendida por Dobrovie-Sorin (1994) e será formulada aqui, dentro do quadro teórico do Programa Minimalista, da seguinte forma: “Os pronomes são traços-phi interpretáveis”.

A favor dessa hipótese, trarei dois argumentos suplementares.

1. Os clíticos têm uma propriedade que os distingue fundamentalmente dos determinantes, eles podem ser totalmente desprovidos de interpretação referencial, como ilustrado pelos exemplos do francês seguintes, em que o clítico remete a um adjetivo ou uma oração, ou seja a predicados:

(22) Je le sais.

eu o sei.

(23) Belle, elle ne l’a jamais été.

Bela, ela nunca o foi.

Se considerarmos que os clíticos são determinantes, ou seja a categoria funcional que codifica a referência, tais exemplos são totalmente inesperados. Se admitirmos ao contrário que se trata somente de traços-phi que permitem simplesmente que uma posição seja interpretada como anafórica de um argumento ou predicado anterior, independentemente de qualquer interpretação referencial, o seu comportamento se torna coerente.

2. A assimilação dos pronomes aos elementos de concordância também nos permite dar conta dos casos, frequentes nas línguas, em que os pronomes desempenham um papel de concordância. Nas línguas românicas, isso é visível nas construções deslocadas, em que um sintagma nominal é retomado por um pronome.

No PB, como já descrito e analisado em muitos trabalhos (cf. entre outros Pontes 1981, Moreira da Silva 1983, Kato 1993, Galves 1987 e 1997 entre outros, Duarte 1995, Figueiredo Silva 1996, Brito 1998), é extremamente frequente a retomada pronominal do sujeito, como também de NPs com outras funções na oração:

(24) Essa competência, ela é de natureza mental.

⁸ Os pronomes considerados aqui são os pronomes “deficientes” no sentido de Cardinaletti e Starke (1994), ou seja os pronomes que remetem a um tópico, clíticos ou “pronomes fracos”.

Além de ser muito freqüente, essa construção não sofre em PB a restrição quanto ao encaixamento que se verifica em outras línguas românicas (cf. Duarte 1987 para o PE e Cinque 1983 para o Italiano). Compare-se (25)-(27) propostas por Duarte e Kato como frases bem formadas no PB, com (28)b., considerada por Duarte como mal formada por oposição a (28) a.:

- (25) Eu acho que o povo brasileiro ele tem uma grave doença.
(Duarte 1995)
- (26) Pedro pensa que, essas crianças, a Maria esqueceu de pegar elas na escola.
(Kato 1993)
- (27) Esse país que o presidente, o povo não acredita mais nele, não pode ser respeitado pelos outros.
- (28) a. O João, imagina que o amigo dividiu com ele os direitos de autor.
b. *Imagina que o João, o amigo dividiu com ele os direitos de autor.
(Duarte 1987)

Em (25)-(27) e (28)b, o NP deslocado está encaixado na oração subordinada, enquanto que em (28)a. ele domina a sentença inteira. Essa diferença é relevante no PE, bem como no Italiano, mas não no PB, em que o NP deslocado pode indiferentemente ocupar uma posição interna à frase, ou estar no início desta.

Por outro lado, tanto em Italiano quanto em PE, essa restrição diferencia as construções com pronomes tônicos das construções com clíticos. Com efeito, nestas, o NP deslocado retomado pelo pronome pode aparecer tanto no início da frase quanto dominando imediatamente a oração encaixada. Compare-se (28)b. com (29)b.

- (29) a. Ao teu amigo, sabes se já lhe pagaram os direitos de autor?
b. Sabes se, ao teu amigo, já lhe pagaram os direitos de autor?
(Duarte 1987)

Desse conjunto de fatos, depreende-se que de alguma maneira, os pronomes tônicos do PB se assemelham aos clíticos do PE. Isso não é de todo surpreendente dado as características do sistema pronominal brasileiro (cf. por exemplo Galves 1997) mas não deixa de ser problemático no quadro da análise proposta por Cinque (1993) do contraste entre (28)b. e (29)b. Para Cinque, a diferença entre os dois tipos de construções, que ele chama respectivamente de “hanging topic constructions” e de “clitic-left-dislocation constructions” é que não é a gramática que é responsável da conexão entre o pronome e o NP deslocado nas primeiras, mas o mesmo princípio de discurso que regula as relações entre um NP e um pronome entre duas frases diferentes. Esse princípio não atuando no interior das orações, a conexão não pode se fazer em (28)a. O problema é que essa frase é boa no PB, bem como as frases (24)-(27). Isso é totalmente inesperado no quadro da análise do Cinque, a menos que alguma coisa na gramática do PB permita que os pronomes tônicos dessa língua tenham um funcionamento análogo ao dos clíticos em outras línguas. Dentro do Programa Minimalista, uma hipótese se apresenta para dar forma a essa idéia: o movimento invisível dos traços. Em outros termos, as construções (24)-(27) seriam legitimadas pela presença de clíticos invisíveis criados pelo deslocamento dos traços-phi dos pronomes depois de Spell-Out. No PB e no Italiano, esse clíticos invisíveis não são produzidos e frases como (28)a. são impossíveis.

Note-se que resta a entender o que diferencia fundamentalmente os clíticos dos pronomes na legitimação do NP deslocado encaixado. Que tipo de relação definida pela gramática legitima o NP deslocado encaixado quando é retomado por um clítico? A hipótese dos pronomes como traços-phi permite assumir que essa relação é a concordância morfológica entre os traços afixados ao núcleo da oração (proporei mais abaixo que a categoria envolvida é Pessoa), e o NP adjungido a essa oração⁹.

Resumindo esta seção, foram adotadas as seguintes hipóteses a respeito das categorias funcionais e dos traços formais:

- a) AGR é um traço formal parametricamente associado com categorias funcionais. As categorias que têm AGR têm um especificador.
- b) Há uma categoria funcional entre Tempo e COMP: Pessoa. Pessoa tem traços-phi (não interpretáveis).
- c) Os pronomes são traços-phi interpretáveis.

IV. A PARAMETRIZAÇÃO DO PB

Os fatos descritos na primeira seção podem agora ser explicados na base da seguinte parametrização das categorias funcionais da língua quanto aos traços V e AGR¹⁰.

Pessoa: -V, -AGR

Tempo: +V, +AGR

No que diz respeito aos traços-V, a parametrização acima codifica no programa Minimalista a análise já proposta em Galves (1991) (cf. também Figueiredo Silva 1996 para uma formulação alternativa da mesma idéia) a respeito do movimento “curto” do verbo no PB. A hipótese da ausência de traço-V em Pessoa, por outro lado, combina bem com a hipótese também defendida em Galves (1991) de que existe uma relação entre o movimento curto do verbo e a fraqueza da morfologia verbal no que diz respeito a Pessoa, ligada à ausência da distinção morfológica entre segunda e terceira pessoa.

A parametrização de Tempo também reflete a idéia defendida em vários trabalhos anteriores meus de que a posição do sujeito é no especificador de Tempo. Até agora portanto a parametrização proposta aqui só faz codificar num quadro ligeiramente diferente a mesma análise do PB. A novidade desta proposta está na categoria funcional Pessoa e na assunção de que ela tem traços-phi que requerem ser checados. Toda a chave do comportamento diferenciado do PB em relação às estruturas de topicalização se encontra nesta caracterização de Pessoa. Com efeito, a ausência de traços-V e a ausência

⁹ É preciso ressaltar que não se trata de relação de checagem, uma vez que tanto os traços-phi do NP anteposto quanto os traços-phi do pronome são interpretáveis. Ou seja, as frases como (28b) em PE não são inaceitáveis por não convergirem, mas porque não há relação que legitime o NP no interior da oração. Ou seja, há violação do Princípio de Interpretação Plena. No Programa Minimalista, esse princípio não é um princípio restringindo as representações produzidas pelo sistema de computação, mas um princípio regulando a interpretação destas pelo sistemas de desempenho.

¹⁰ Uma parametrização completa do PB inclui também a associação de AGR a *v* (cf., em termos ligeiramente diferentes, Galves 1997).

de AGR nesta categoria tem como efeito que os seus traços-phi não podem ser checados nem em consequência do movimento do verbo, nem em consequência do movimento do sujeito. A única alternativa deixada pela gramática é o movimento invisível de traços pronominais. Explicamos assim a recorrência de estruturas deslocadas no PB. Uma frase como (24) terá portanto a seguinte estrutura, onde os indícios subscritos representam a cadeia formada por movimento:

(30) [_{PersP} Essa competência [_{PersP} ϕ_i [_{TP} ela_i é de natureza mental]]]

Nessa estrutura, os traços do pronome *ela* moveram-se para checar os traços-phi de Pessoa. O NP *Essa competência* está adjungido à projeção de Pessoa. É importante ressaltar que esta análise implica que, mesmo quando não há pronome lexical, a checagem dos traços de Pessoa implica que haja um pronome nulo em posição sujeito, como representado em (31)¹¹:

(31) [_{PersP} DP [_{PersP} ϕ_i [_{TP} pro_i ...]]]

Desse ponto de vista, toda oração do PB corresponde a uma estrutura de deslocamento. E isso é devido ao fato de que AGR e os traços-phi não são carregados pela mesma categoria, como acontece nas línguas em que Pessoa é positivamente marcada para AGR. Nessas línguas, os traços-phi de AGR são obrigatoriamente checados pelo sujeito. E o único movimento de traços-phi para Pessoa é o dos clíticos visíveis¹². Explica-se assim o contraste entre (29) a. e b. em PE, e em Italiano, por hipótese línguas desse tipo.

Podemos agora voltar para o nosso ponto de partida, e caracterizar a estrutura das frases (1)-(7). Mostramos que nessas frases o NP não é legitimado pela presença de um pronome lembrete, mas, de maneira visível na flexão verbal quando ele está no plural, pela concordância verbal. Vimos também que nessas frases, o argumento externo do verbo não pode estar projetado. Repare-se que essa não projeção do argumento externo também é visível no contraste entre esse tipo de frases e a sua “tradução” na voz passiva:

(32) A revista foi xerocada para ganhar tempo

(33) ?? A revista xerocou para ganhar tempo

Em (32), o sujeito nulo de *ganhar tempo* é controlado pelo argumento externo do verbo *xerocar*, presente na morfologia verbal. Em (33), não há nenhuma morfologia verbal suscetível de carregar o argumento externo, e a inaceitabilidade¹³ de (33) mostra que não há também nenhuma categoria vazia susceptível de controlar o sujeito nulo da oração infinitiva.

¹¹ Note-se que (31) também aponta para uma análise da identificação referencial de *pro* em PB, mas não aprofundarei essa questão aqui..

¹² Note-se que o movimento dos clíticos visíveis não é forçado por considerações de checagem, uma vez que são traços-phi interpretáveis. Admitirei com muitos autores que é seu caráter de pronomes deficientes que os obrigam a se mover. Mas não aprofundarei essa questão aqui (cf. Galves 1997, a sair).

¹³ A não ser que se interprete o sujeito nulo como um sujeito nulo arbitrário, sem nenhuma ligação com o agente de *xerocar*. O ponto importante é que não há controle.

Note-se que a não projeção de um argumento não é um problema no quadro do Programa Minimalista, no qual não há Princípio de Projeção restringindo a computação, a única restrição sendo que as estruturas sejam interpretáveis pelo sistema de desempenho Conceptual-Intencional¹⁴.

A não projeção do argumento externo do verbo significa que SPEC/TP não está projetado. Isso constitui um potencial problema para a análise desenvolvida aqui uma vez que Tempo contém AGR. Mas por outro lado, isso significa que os traços-phi do verbo, que são não-interpretáveis, não são checados em configuração Especificador/Núcleo. A única opção é que se movam para Pessoa, onde entram numa relação de checagem mútua com os traços-phi dessa categoria. (34) representa a estrutura produzida:

$$(34) [_{\text{PersP}} \phi_i [_{\text{TP}} V_i]]$$

Admitirei que, nessa configuração, o traço AGR de Tempo pode ser checado no especificador de Pessoa, uma vez que a cadeia entre o verbo e o núcleo de Pessoa, criada pelo movimento dos traços-phi do verbo, torna a projeção de Pessoa a projeção de Tempo também. Isso legitima o movimento de um NP para essa posição, produzindo a estrutura seguinte:

$$(35) [_{\text{PersP}} NP_j [_{\text{Pers}'} \phi_i [_{\text{TP}} V_i t_j]]]$$

(35) representa portanto a estrutura subjacente às construções que chamei de tópico sujeito. Nessa estrutura, diferentemente do acontece nas estruturas com pronome lembrete, o NP pré-verbal está numa relação de Especificador/Núcleo com Pessoa, uma vez que checa o traço AGR que Pessoa, pelo movimento dos traços-phi do verbo, “herda” de Tempo. A concordância morfológica entre o NP e o verbo se deve ao fato de os seus respectivos traços-phi se encontrarem em configuração Especificador/Núcleo¹⁵. (35) contrasta com (36), que é a estrutura subjacente às orações com pronome lembrete do tipo de (12) d.

$$(36) [_{\text{PersP}} \text{esta casa} [_{\text{PersP}} \phi_i [_{\text{TP}} \text{pro}_{\text{expl}} \text{bate sol nela}_i]]]$$

Em (36), como em (30), os traços-phi de Pessoa são checados pelos traços-phi do pronome lembrete. Por outro lado, o verbo está numa relação Especificador/Núcleo com um pro expletivo que satisfaz seu traço AGR. A diferença crucial entre (35) e (36) é que os traços do verbo não entram em configuração de Especificador/Núcleo com o NP pré-verbal.

Damos conta assim da distribuição complementar entre o pronome lembrete e a concordância, que depende, em última instância da projeção de um especificador para Tempo. Se tiver presente, só os traços-phi de um pronome podem checar Pessoa, se estiver ausente, os traços do verbo sobem estendendo a projeção de Tempo. A outra consequência

¹⁴ Trata-se de novo do Princípio de Interpretação Plena (cf. nota 9)

¹⁵ Note-se porém que o verbo e o NP continuam não imediatamente dominados pela mesma projeção máxima, o que é uma constante do PB que dá conta do fato que um advérbio sempre pode aparecer entre o NP pré-verbal e o verbo (cf. Figueiredo 1996, Galves a sair).

dessa derivação é que ela coloca o pronome lembrete e o NP pré-verbal no mesmo domínio de ligação, provocando a violação do princípio B. Concordância e pronome lembrete são portanto incompatíveis.

Damos conta também das restrições interpretativas associadas a estruturas como (35), uma vez que, nelas, o NP deixa de se encontrar numa posição externa à oração onde recebe qualquer interpretação associada ao pronome lembrete. Ele ocupa uma posição que pode ser caracterizada como uma posição-A, uma vez que está no especificador de AGR (cf. Rizzi 1991), ou L-marcada, já que está em configuração Especificador/Núcleo com os traços verbais (cf. Chomsky 1995). A sua interpretação envolve portanto a atribuição de uma função temática. A exata natureza dessa função é uma questão que deixo para pesquisas futuras.

Enfim, a ambigüidade observada acima para frases como (20) entre as interpretações (20') e (21) se deve ao fato que o sujeito nulo de frases com tempo pode receber em PB uma interpretação arbitrária. Nesse caso então, o sujeito nulo do verbo não é expletivo mas arbitrário. Também se deve à possibilidade do objeto pronominal ser nulo em PB. Note-se que essas duas características concorrem juntas a uma grande ambigüidade estrutural, uma vez que sujeito nulo arbitrário se confunde facilmente com ausência de sujeito e objeto nulo com o vestígio. Espera-se contudo que uma das estruturas seja mais restrita interpretativamente que a outra. Parece ser o caso, já que as frases de sujeito tópico não são aceitáveis com qualquer tipo de verbo transitivo. Parece-me por exemplo que uma frase como (37) abaixo só pode receber a interpretação em que o NP anteposto é retomado por um pronome objeto nulo e o sujeito é arbitrário (construção indeterminada), e não aquela em que esse NP é o sujeito da oração (construção passiva). Uma evidência disso é a inaceitabilidade da concordância morfológica:

- (37) a. Essa revista está lendo.
b. *Essas revistas estão lendo.

De novo, essa restrição sobre o tipo de verbo, que pode ser formulada em termos da necessidade de um objeto “afetado”, pode ser atribuída à função temática atribuída ao NP pré-verbal. Nas construções genitivas, essa restrição afeta a relação entre os dois NPs. Nas construções com verbos transitivos, ela afeta o próprio verbo.

BIBLIOGRAFIA

- BRITTO, H. (1998) **Deslocadas à esquerda, resumptivo sujeito, ordem SV e a codificação sintática de juízos categórico e tético no Português Brasileiro**, tese inédita, UNICAMP.
- CARDINALETTI, A. and M. Starke 1994, “The typology of structural deficiency, on the three grammatical classes”, mimeo.
- CHOMSKY, N. 1995, **The Minimalist Program**, MIT Press.
- CINQUE, G. 1983 “ ‘Topic’ Constructions in Some European Languages and ‘Connectedness’”, In: **Connectedness in Sentence, Discourse and Text**, K. Ehlich and H Van Riemsdijk (orgs.) **Studies in Language and Literature**, 4 .
- CORVER N., and D. Delfitto, (1993). “Feature asymmetry and the nature of pronoun movement”, mimeo, Tilburg University and University of Utrecht.

- DOBROVIE-SORIN, C. (1994) “ The typology of pronouns and the distinction between syntax and morpho-phonology”, mimeo, Université Paris VIII.
- DUARTE, I. (1987) **A construção de topicalização na gramática do português : regência, ligação e condições sobre o movimento**, tese inédita, Universidade de Lisboa.
- DUARTE, M.E. (1995) **A perda do princípio “Evite pronome” no português brasileiro**, tese inédita, UNICAMP.
- EVERETT, D. (1996) **Why there are no clitics. An alternative perspective on pronominal allomorphy**, S.I.L and University of Texas at Arlington, Publications in Linguistics 123.
- FIGUEIREDO SILVA, M. C. (1996) **A posição sujeito no português brasileiro, frases finitas e infinitivas**, Campinas, Editora da UNICAMP.
- GALVES, C. (1987) “A sintaxe do Português Brasileiro”, **Ensaios de Linguística**, 13, Belo Horizonte, 31-50.
- _____. (1991) “V-movement, Levels of Representation and the Structure of S”, versão revisada da comunicação apresentada no 13º GLOW, Cambridge 1990, publicado em **Letras de Hoje**, 96, Porto Alegre, 1994, 35-58.
- _____. (1997) “La syntaxe pronominale du Portugais Brésilien et la typologie des pronoms”, In: A. Zribi-Hertz (org.) **Les pronoms**, Presses Universitaires de Vincennes, 11-34.
- _____. (a sair) “Agreement, Predication and Pronouns in the History of Portuguese” In: J. Costa (org.) **Portuguese Syntax : New Comparative Studies**, Oxford University Press.
- KATO, M. (1993) “Recontando a história das relativas em uma perspectiva paramétrica”, In: I. Roberts e M. Kato (org.) **Viagem diacrônica pelas fases do português brasileiro**, Campinas: Editora da UNICAMP, 223-262.
- MOREIRA DA SILVA, S. (1983) **Etudes sur la symétrie et l’assymétrie SUJET/OBJET dans le portugais du Brésil**, tese inédita, Université Paris VIII.
- NASH, L. (1997) “La partition personnelle dans les langues ergatives” In: A. Zribi-Hertz (org.) **Les Pronoms**, Presses Universitaires de Vincennes, St Denis, 11-34.
- PONTES, E. (1987) **O tópico no português do Brasil**, Ed. Pontes, Campinas.
- RIZZI, L. (1990) **Relativized Minimality**, Cambridge, MA : MIT Press.
- _____. (1991) “Proper Head-Government and the definition of A-positions” **GLOW Newsletter**, 26, 46-47.
- URIAGEREKA, J. (1995) “ Syntax of clitic placement in Western Romance”, **Linguistic Inquiry**, 26, 79-123.